

A ASCENSÃO

DO DONO DO GÊNERO MUSICAL COM VERSOS ANTIRRACISTAS DESFECHADOS DE MANEIRA CONTUNDENTE

PRETOS ROCK

“**Todo mundo sabe que somos três caras pretos ali fazendo rock'n'roll. A gente é uma banda política e isso não vai mudar**”

Charles,
vocalista da banda
Black Panthera



Banda Black Panthera: o som de contestação racial que vem do interior de Minas Gerais

LETRAS DA BANDA BLACK PANTERA

Eles que lutem (trecho)

Poucos com muito
E muitos com tão pouco
Seus sonhos aqui não valem nada
No fim me diz quem é que paga?
Vão querer te dizer Qual é o seu lugar
Vão querer te convencer a não acreditar
É preciso entender Não vão te aceitar
Nada pode nós deter
Eles que lutem

Rede Social

Se você cair Ninguém vai socorrer
Sei que vão todos rir
Pobre de você Deixa o corpo ai Que sangue até morrer
Tô gravando aqui Vou te promover
Astro da Rede Social
5 minutos de fama no final
Você sempre quis aparecer
Toda a atenção esta em você
Rede Social
Rede Social

» ANAJÚ TOLENTINO*

Antes de mais nada, o rock é, essencialmente, negro. O gênero foi criado, aprimorado, afirmado e desenvolvido por artistas negros, homens e mulheres, na metade do século passado.

Gerado a partir de um fundamento transgressor, das guitarras e da dança, teve a força e a afirmação negra como gênese. No Brasil, algumas bandas perpetuam essa premissa. É o caso da Black Panthera, alia a tradição à sintonia com as inquietações contemporâneas, como é possível perceber na célebre canção *Fogo nos racistas*. A plenos pulmões, ouvimos muito essa provocação por aí. Black Panthera entoa e é animada pelo espírito de inconformismo do verso. Com o foco em todo discurso antirracista e em protestar contra a opressão de corpos dissidentes, a banda de Uberaba, município do interior de Minas Gerais, amplia cada vez mais o seu público.

Ao contrariar o sistema para lavar a alma do rock nacional, o trash-hard-metal do trio, formado pelos irmãos Charles Gama (guitarra, vocal) e Chaene da Gama (baixo) e o baterista Rodrigo “Panchinho” Augusto, manda o recado de forma direta e crua.

Com quase 10 anos de estrada, a banda tornou-se figurinha carimbada nos festivais do país. “Desde o começo da banda, a gente sempre tocou em festivais alternativos, com outros tipos de gêneros. Já tocamos com Criolo, Baco Exu do Blues, e em diversos lugares que outras bandas de rock não vão”, afirma Chaene.

O mais interessante é que, mesmo tocando em circunstâncias específicas como o Dia do Metal no Rock in Rio, a banda atinge panoramas mais amplos, estourando a bolha em que muitas vezes o próprio gênero do rock nacional se encerra.

“É incrível tocar em diversos lugares assim, porque a gente quer que a nossa música e a mensagem antirracista consiga acessar todo mundo, seja o cara fã de Duda Beat, Pablo Vittar, Tuyo. A gente quer agregar geral no nosso show e propagar a ideia. Tem muitas bandas de rock, como a gente, que não conseguem entrar nesse circuito. Mas conseguimos e não pretendemos sair, nosso rolê não é só para headbangers”, reitera o baixista.

O peso doom e groove ímpar do trio está presente no disco *Ascensão*, lançado este ano. Com frases potentes no enfrentamento do racismo, tanto fora quanto dentro da indústria musical, o álbum só comprova a força dos metaleiros.

O projeto mais recente da banda mineira também agrega uma proposta de coletividade. Com participações de especiais de Rodrigo Lima (Dead Fish) em *Dia do fogo*, faixa crítica às políticas do governo Jair Bolsonaro para a Amazônia, e de Tuyo em *Estandarte*, uma canção anti-homofóbica, o álbum ganhou novas camadas graças às perspectivas de todos os envolvidos na produção dele, de acordo com Charles.

“Compusemos o disco pensando em ambas as participações, vindo com o questionamento de preencher essa lacuna. Ao contrário dos outros dois discos,

Ascensão veio grande e queríamos pessoas tão maiores quanto”.

As letras do álbum são tão contundentes quanto os monumentais facões segurados por Ana Francisco e Carolina Antônio, as duas moçambicanas retratadas na capa da obra, em foto de Victor Balde, com dito por Chaene. “*Ascensão* não fala apenas do povo preto, ele fala da insubmissão do povo indígena, dos LGBTQIA+, das mulheres, ele fala de diversos povos que são subjugados nesse sistema brutal. E a capa sintetiza tudo isso porque significa muitas perspectivas nesse registro.”

Encorpado com um discurso antirracista poucas vezes visto no rock nacional, a banda mantém a proposta concisa, a veemência da contestação pode ser melhor apreciada ao vivo. “Expomos nossos ideais, e fazemos questão de levar isso no dia a dia. Esse tipo de empoderamento reacende muito com a banda e, para quem a ouve, compondo junto, escutando as pessoas. Graças aos nossos orixás, a galera tem entendido bem o recado”, complementa Charles, vocalista.

Ao abordar a perspectiva de se posicionar sempre que possível, Chaene expõe a história que eles fazem com o próprio repertório. “Todo mundo sabe que somos três caras pretos ali fazendo rock'n'roll. A gente é uma banda política e isso não vai mudar”.

*Estagiário sob a supervisão de Severino Francisco